

DF - Brasília, 2 AGO 1986

ontem e hoje

**MAURO RODRIGUES
ALVES**
Colaborador

Brasília como símbolo de um País de sonhos de justiça social e bem-estar, concretizados por um povo feliz que pratica a democracia a melhor forma de governo e o mais natural modo de viver — era a imagem que estimulava minhas ações como pioneiro otimista, porém realista, designado pelo presidente Juscelino Kubitschek para trabalhar, como engenheiro, na NOVACAP.

Um grande canteiro de obras povoado com gente de ideais avançados, convivendo com aventureiros de todas as espécies e, às vezes, até com eles se confundindo, é o resumo da realidade histórica daquela época, em 1959, na qual se sobressaía a equipe técnica, em que tive a honra de ingressar, a NOVACAP.

Sabia o que Brasília representava para o moral nacional brasileiro, aquilo que faz as pessoas exercerem a sua vontade com estado de espírito coletivo, e não fugia ao sentimento comum de participação na construção do destino da Pátria, que Brasília simbolizava.

Destino glorioso, como profetizara D. Bosco, de embrião que vai desenvolver-se para uma nova era, digna da grandeza do ser humano, no sentido da plenitude da sua semelhança com Deus, cada vez mais próximo Dele, apesar da confusão atual inicial do significado da expressão "liberdade", como se Dele devêssemos é nos afastar, para conseguí-la.

Após 27 (vinte e sete) anos, hoje, novamente, são identificáveis os sintomas que induzem à mesma percepção. Apenas o embrião, transformado em adolescente, quer tornar-se adulto, assumindo a cidadania responsável por meio do seu instrumento maior, para isso, que é a política.

Ultrapassada a fase de preocupação somente com problemas que eram mais de natureza administrativa de apoio, do que vinculada à sua destinação histórica grandiosa, ressurgiu o símbolo da esperança, agora vinculado à política.

Na TELEBRAS, onde, desde 1973, tive a honra de

passar a trabalhar, integrando uma equipe que, por motivo de orgulho nacional e local, foi-me dada a oportunidade de sentir a importância de Brasília como fator de integração social indubitável, e o aspecto fundamental do desenvolvimento de uma cultura comum genuinamente brasileira.

Brasília, como símbolo nacional de otimismo responsável, que marca a identidade nacional com a vontade de mudanças para melhor, deve ser o pólo irradiante dessa cultura.

E cabe à política, desde já, mesmo incipiente como está, orientar o processo de condução para esse destino, e sua fiel execução com a participação de todos.

Brasília, portanto, tem obrigação de ser o centro cultural do País, entendida a cultura não como condenação às tradições, ou apenas como poesia, cinema, teatro ou pornografia, como quer o modismo, mas sim como um conjunto de crenças e conhecimentos, herdados, gerados e transmitidos coletivamente, que marcam a identidade do brasileiro, mostrando como ele reage diante dos fatos e da história, e, por isso, a sua política deve, acima de tudo, ampar-se nessa realidade, humanizando o Distrito Federal, tornando os que aqui trabalham, ou vivem, orgulhosos de si próprios e das suas ações, em termos locais, porém nunca dissociados dos anseios nacionais.

É inegável que chegou esse momento. As eleições estão aí. É só saber escolher representantes que sejam brasilienses genuínos, identificados com os ideais que propiciaram a existência da sua cidade e suas cidades — satélites, que a amparam, a a completam.

No PFL, partido que tem a obrigação de ser diferente, com nova mentalidade política, sinto-me, outra vez, engajado diretamente no mesmo processo, e, novamente, com aquela mesma sensação de cumprimento da missão que aqui me trouxe, em julho de 1959, de conquista de uma melhor era para todos, coordenando a doutrina liberal democrática no Distrito Federal há mais de um ano, com presença diária no partido, até dias atrás.

CORREIO
BRAZILIENSE